

NARRATIVAS DE PROFESSORAS: EQUILIBRANDO NA CORDA BAMBA

TEACHERS' NARRATIVES: BALANCING ON THE TIGHTROPE

NARRATIVAS DE LOS PROFESORES: EL EQUILIBRIO EN LA CUERDA FLOJA

Pollyanna Garcia Geraldo Fecchi¹

Ana Lúcia Horta Nogueira²

Resumo: O artigo problematiza a importância das narrativas do professor para o desenvolvimento profissional. A análise da função reflexiva e dialógica das narrativas no coletivo de trabalho escolar é realizada a partir das contribuições de Vygotsky, Bakhtin e da Clínica da Atividade.

Palavras-chave: Trabalho docente; narrativas; clínica da atividade.

Abstract: The article discusses the importance of teacher narratives for professional development. The analysis of the reflective and dialogical function of narratives in the school work collective is carried out with contributions from Vygotsky, Bakhtin and Clinic of Activity.

Keywords: Teacher work; narratives, clinic of activity.

Resumen: El artículo analiza la importancia de las narrativas de los maestros para el desarrollo profesional. El análisis de la función reflexiva y dialógica de las narrativas en el colectivo de trabajo escolar se realiza a partir de los aportes de Vygotsky, Bakhtin y la Clínica de la Actividad.

Palabras clave: Trabajo docente; narrativas; clínica de la actividad.

Introdução

Viver e registrar. Registrar o vivido. Na prática docente somos convocadas a (d)escrever os processos que compõem as intervenções pedagógicas, o desenvolvimento dos alunos, os passos para o futuro. Somos impelidas a colocar no papel o trabalho desenvolvido, intencionando a rememoração dos fatos para a mais fidedigna avaliação, com a intencionalidade de “legitimar o carimbo”. Seria esse o único e mais importante papel do registro escrito por este gênero profissional?

Considerando a importância da polifonia e da dialogia (BAKHTIN, 1997) para o desenvolvimento da profissão e da atividade docente (CLOT, 2006, 2010), percebemos nas narrativas um potente instrumento para compartilhar vivências – vivências que ensinam, fortalecem, apontam direções, dividem angústias, ajustam ideias.... entre tantas outras situações de interação entre quem compartilha uma mesma profissão. Ancorada em Bakhtin e advinda da “natureza cultural” da comunicação (PROENÇA; SERODIO; PRADO, 2019), a narrativa como metodologia de pesquisa vem tomando seu espaço no meio acadêmico, especialmente com relação à formação de professores, partindo do pressuposto de que os educadores, enquanto pesquisadores da própria prática, podem provocar desenvolvimento formativo a partir de seus registros. A partir das contribuições de Vygotsky, Bakhtin e da Clínica da Atividade, neste artigo problematizamos as narrativas como potente lugar de reflexão e (des)envolvimento do trabalho docente.

Apresentaremos aqui duas situações em que as narrativas evidenciam esta potência dialógica e se mostram como importante instrumento de reflexão individual e coletiva. A primeira situação teve como um dos materiais empíricos analisados narrativas escritas por

¹ Prefeitura Municipal de Campinas/Universidade Estadual de Campinas.

² Universidade Estadual de Campinas.

professoras, buscando elucidar singularidades do trabalho docente: modos de intervenção, (re)organizações pedagógicas, (re)planejamento direcionado às necessidades de aprendizagem dos estudantes (situação integra pesquisa de mestrado – FECCHI, 2020). Em seguida, traremos uma situação vivenciada nesta mesma escola, que oportunizou aos docentes, em momentos de reunião coletiva, compartilhar suas angústias e vivências no turbulento contexto da pandemia através da leitura de narrativas elaboradas pelos próprios professores.

Os trechos das narrativas aqui expostos nos dão base para afirmar a importância de tal instrumento, ancoradas nos conceitos de gênero e estilo profissional (CLOT, 2006), na concepção vygotskiana de desenvolvimento humano, que afirma que “através dos outros constituímos-nos” (VYGOTSKY, 2000a, p. 24) e na dialogia bakhtiniana (BAKHTIN, 1997). Apontam que as narrativas ocupam um lugar de reflexão individual e coletiva sobre o trabalho; favorecem a (auto)formação e o desenvolvimento da profissão, enquanto os profissionais aprendem com e a partir de seus pares; proporcionam lugar de expressão e acolhimento das angústias quando compartilhadas em situações coletivas; favorecem a análise e transformação da realidade a partir dos próprios trabalhadores, oportunizando que fortaleçam seu poder de agir (CLOT, 2010); além de ser um significativo registro histórico.

A potência dialógica das narrativas de professoras

A primeira situação que mostra o lugar das narrativas no desenvolvimento do trabalho docente, emerge durante a construção dos dados da pesquisa de mestrado³ que teve como objetivo explicitar a complexidade do trabalho das professoras em meio às prescrições advindas de diferentes instâncias e as necessidades de aprendizagem dos estudantes de três turmas de 4ºs anos, com grande diversidade de saberes. Nossa intenção primária era a de refletir sobre a pergunta: Afinal, o que as professoras fazem para ensinar? Considerando a profissão docente como um campo com grande número de pesquisas acadêmicas, entendemos ser importante analisar esta profissão “de dentro”, dando evidência ao real da atividade (CLOT, 2006). Mas como analisar o trabalho acontecendo – em desenvolvimento? Encontramos na escrita das narrativas a resposta para esta pergunta. Duas professoras de 4ºs anos foram convidadas a narrar momentos de intervenção com seus alunos, aguçando o olhar para situações em que adequações em atividades ou em modos de ensinar fossem necessárias para alcançar todos os estudantes de suas turmas. A pesquisadora, também professora de uma das turmas de 4º ano nesta escola, lançou-se à análise de sua própria prática, escrevendo também suas narrativas. Foram coletadas ao todo 19 narrativas que nos deram base para observar a atividade em desenvolvimento e as reverberações das ações ali narradas.

Antes de apresentarmos as situações e análises, entendemos ser importante conceituar o que chamamos de *atividade em desenvolvimento*. Para a clínica da atividade – vertente da psicologia do trabalho ancorada nos pressupostos do círculo de Bakhtin, na teoria histórico-cultural e na ergonomia francófona – o termo *atividade* situa-se entre duas diferentes nuances que se completam: a *atividade realizada* e o *real da atividade*. A atividade realizada é a ação que de fato aconteceu, aquela que saiu vencedora no conflito das (im)possibilidades, enquanto o real da atividade abarca os não-acontecidos, o planejamento para a ação, as possibilidades que não foram escolhidas, os impedimentos... aquilo que não está visível nem aparente, mas que também faz parte da atividade realizada. Segundo Roger (2013, p. 111), “o real da atividade é um espaço de conflitos entre (e no interior de) diversos polos aos quais aquele que age dirige sua atividade”. Dirigida para o objeto de

³ A referida pesquisa teve como resultado a dissertação defendida em 2020: “A Atividade Docente e a Organização do Trabalho Pedagógico: entre as margens do prescrito e do realizado”. Universidade Estadual de Campinas – Faculdade de Educação. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,uid&db=cab09219a&AN=rpc.oai.1161210&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 5 mar. 2022.

trabalho (a aprendizagem dos alunos), para o outro (alunos, colegas de trabalho, gestão, prescritores...) e também para si, a atividade docente não poderia ser analisada a partir de recortes descontextualizados ou elementos isolados. Em acordo com Vygotsky ao afirmar que “estudar algo historicamente significa estudá-lo em movimento”⁴ (VYGOTSKY, 2000b, p. 67).

Outra contribuição importante da Clínica da atividade para a análise é o fato desta abordagem reconhecer o trabalhador como principal analista de seu *métier*, evidenciando nas relações profissionais a necessidade do dialogismo, pois afirma que as profissões estão sempre em desenvolvimento a partir da imbricada relação entre o indivíduo e o(s) outro(s), e ao passo que constituímos a história coletiva da profissão, somos também dialeticamente compostos por ela.

Assim sendo, entendemos ser necessário observar as ações dentro de seu contexto histórico e social, a partir do olhar das próprias professoras, que ao narrarem os acontecimentos, imprimem ali muito mais do que apenas o que e como aquele episódio aconteceu: registram parte deste real da atividade, que mesmo não sendo totalmente visível, nos ajuda a enxergar o que pretendíamos encontrar – as minúcias da atividade de ensinar.

Como podemos observar nos excertos abaixo, ao escrever, as professoras expuseram tais minúcias, entremeadas às suas impressões e sentimentos:

Professora Tereza: Sempre ficava angustiada na semana do dia dos pais. Acho uma data comemorativa importante, mas alguns alunos não têm pais, ou porque estes já faleceram, ou por que são separados e mantém pouco contato com as crianças... eu nunca sabia o que fazer. Não queria relembrar nenhuma criança de alguma possível dor profunda. Não queria fazer o discurso: “Vamos fazer um cartãozinho? Mas ó, você aí, que não tem pai, pode dar para sua mãe...” como se as coisas fossem simples assim. Foi num momento de troca com os colegas, contando desta angústia, que a professora Clara me sugeriu: coloca essa atividade em um ateliê, assim vai quem quer! Quem não quiser, vai para outro ateliê e não fica exposto. Resolvido. Todo ano lembro que existe essa possibilidade, e me alegro de lembrar dessa solução que é tão simples, mas muito humana (FECCHI, 2020, p. 83).

Nesta narrativa, a professora expõe sua angústia com relação a uma situação que era recorrente em sua trajetória, e que apesar de a incomodar, não conseguia sozinha pensar em uma solução. Foi na companheira de trabalho – Clara – que Tereza viu a possibilidade de mudança. Na situação em questão, Vanessa tinha Clara próxima a ela. Alguém com quem trocava informações, soluções, situações, mas nem sempre isso acontece. Nem sempre temos a abertura necessária para compartilhar com o outro os incômodos relacionados a nossas práticas – por motivos diversos que vão de timidez a condições precárias de trabalho que desfavorecem os coletivos. Assim, o contato com narrativas como esta pode trazer aos profissionais da educação lampejos de coletividade – ainda que à distância. Com esta afirmação não queremos, de maneira alguma, colocar as narrativas em um lugar de substituição às relações presenciais. Entendemos ser de extrema importância que os coletivos de trabalho sejam fortalecidos e tenham espaços constituídos e legítimos de articulação.

A importância desses espaços também foi assunto das narrativas apresentadas:

Professora Tereza: Você me pede algo bem difícil, que é refletir sobre adequação curricular. Como eu faço isso? Como eu posso melhorar isso? Como os outros fazem isso? Hoje no GT⁵ pedi para assistir às assembleias de

⁴ estudar algo historicamente significa estudá-lo em movimento.

⁵ A professora refere-se ao grupo de trabalho (GT) que reúne o grupo de professores dos anos iniciais desta e de outras escolas para estudar a Pedagogia Freinet.

jornal de parede das outras professoras, expliquei que quero melhorar minha conduta nesta reunião e preciso de repertório. Logo, outras professoras disseram que também gostariam de ver as salas umas das outras em momentos de ateliês. Que bom estar numa escola onde podemos nos ver e trocar. E aprender umas com as outras. O que impede é o tempo: as aulas vagas são distribuídas de uma forma que nem sempre ajuda... mas seguimos tentando, nas brechas... (FECCHI, 2020, p. 161).

Professora Vanessa: A turma e eu trabalhamos muito ao longo do ano de 2019. Não foi fácil, pois havia na turma alguns meninos com uma demanda emocional muito grande. Não era fora do comum eu precisar parar tudo para resolver desentendimentos. Inclusive, em alguns momentos, precisava conter violência física entre eles dentro da sala de aula. Mas, com o que aprendia com as colegas de trabalho e o que trouxe de experiência da escola anterior, fomos, eu e as crianças, construindo um espaço e um tempo possível para aprendermos (FECCHI, 2020, p. 58).

Professora Pollyanna: Aprendi muito, logo no início, com as reflexões trazidas pelo grupo de professores, pela forma como os debates (muitas vezes calorosos, mas sempre respeitosos) aconteciam e percebia a escola enquanto ambiente educativo em sua totalidade (FECCHI, 2020, p. 60).

Ficou evidente nestas e em outras narrativas a importância que os coletivos ocupam nas trajetórias docentes. Este espaço de desenvolvimento mostrou-se vital para a (re)organização do trabalho escolar das professoras. O conceito de *gênero profissional* (CLOT, 2006) nos auxilia nesta análise, conforme definido pelo autor:

um sistema flexível de variantes normativas e de descrições que comportam vários cenários e um jogo de indeterminação que nos diz de que modo agem aqueles com quem trabalhamos, como agir ou deixar de agir em situações precisas; como bem realizar as transações entre colegas de trabalho requeridas pela vida em comum organizada em torno de objetivos de ação (CLOT, 2006, p. 50).

Clot nos mostra que a história de determinada profissão ajuda a compor o gênero profissional a que pertence, e esta história não está relacionada apenas ao passado, mas também às ações do presente. Quando escolhemos determinado modo de ensinar, o fazemos baseando-nos em outros profissionais com os quais nos relacionamos pela vida – de maneira positiva ou nem tanto. Esse arcabouço coletivo instrumentaliza a profissão e compõe uma marca compartilhada que prescreve, formal ou informalmente, e ensina. O gênero profissional, por sua vez, só mantém sua vitalidade por ser dialeticamente composto pelos *estilos* individuais, que se reformulam à medida em que mudam os sujeitos, os objetos e os objetivos. Essa relação, portanto, se inscreve na história daquela profissão.

Mais uma vez, a partir dos conceitos apresentados, vemos o lugar formativo das narrativas docentes, que, além de expressarem-se, registram seus modos de agir

as escritoras refletem enquanto escrevem, refratando as situações por elas vivenciadas em seus textos, expondo seu ser e seu fazer enquanto escrevem. A leitora, por sua vez, encontra no texto vestígios do vivido, elementos que contam o que aconteceu, mas que também dizem os tantos não acontecidos, a partir de sua experiência de também professora. O real da atividade se insere neste escrito e neste lido (FECCHI, 2020, p. 70).

Assim como no exposto acima, a expressão do vivido através das narrativas, escritas e compartilhadas pelas professoras com suas parceiras de trabalho, foi ponto de apoio para o coletivo docente no angustiante contexto de trabalho durante a pandemia de covid-19, momento que exigiu uma urgente reformulação do trabalho.

Compartilhar narrativas: fortalecimento dos coletivos de trabalho e criação de modos de (sobre)vivência

Durante o desenvolvimento da pesquisa de mestrado, no cotidiano escolar surgiu a preocupação com um novo componente: a pandemia de covid-19. Essa triste vivência coletiva, cujo fim ainda não vimos, vem sendo vivenciada por todos de maneira singular. Cada pessoa, cada gênero profissional, cada classe social, vivenciou-a de um jeito único, e também coletivo, em sociedade. Mesmo em circunstâncias parecidas, as nuances das individualidades nos fizeram ter experiências únicas. Na escola em questão, por exemplo, após o fechamento das portas das salas de aula presenciais, em março de 2020, a primeira ação foi a organização de doação de alimentos para a comunidade. A prefeitura ainda não havia se mobilizado para atender a todas as famílias que precisavam de ajuda e estavam ameaçadas pela fome. Foi a primeira de muitas ações que, há pouco tempo, sequer imaginávamos que faria parte do conjunto das atividades docentes.

Além da necessidade de reestruturação forçada do trabalho, da mudança de lugar, de modos de ensinar, questões como o adoecimento, o luto, a ansiedade, a insegurança, estiveram entremeadas aos conteúdos escolares – faziam parte deles. E como foi (e ainda está sendo) difícil... Era comum professores entrarem em contato com as famílias para orientações a respeito das atividades escolares e ouvirem que estas ainda não haviam sido concluídas pois a família toda estava doente ou, ainda, porque alguém havia falecido. A tristeza e os sentimentos de “não lugar” e de impotência por parte das professoras circulavam pelas falas e semblantes, de modo especial nos momentos de reuniões coletivas, e as professoras sentiam a necessidade de desabafar e de ouvir sobre as ações e os recursos das colegas de trabalho, tentando, assim, ajustar sua própria ação, pois nem sempre sabiam como agir diante dos acontecimentos com as famílias.

Foi nesse momento que a orientadora pedagógica e a vice-diretora, que conduziam as reuniões coletivas, propuseram que as estas fossem iniciadas com a leitura de narrativas escritas pelas professoras. E as leituras começaram. Leituras que falavam de incômodos que não eram apenas sentidos por quem escrevia, mas por todo o grupo de professoras, que ao ouvirem as colegas, se reconheciam e percebiam que suas dores também não eram só suas. Reproduzo abaixo dois excertos de narrativas compartilhadas em forma de leitura naquele espaço e que cujas autoras autorizaram sua reprodução neste artigo:

Oito horas da manhã, ligo o computador, entro no WhatsApp Business e no Google Sala de Aula. Decido começar pelo GSA. [...] As poucas devolutivas que encontro, me alegram e me motivam a continuar. Escrevo comentários para todos que mandaram fotos das atividades realizadas, depois passo pelo mural do GSA e escrevo um recadinho para a turma. Tento demonstrar meu carinho, procuro estimular a participação das crianças e deixo um lembrete do dia e horário dos encontros virtuais.

Vou para o whatsapp: escuto alguns áudios de mães e de crianças, leio algumas mensagens e vou respondendo uma a uma. Respostas e orientações para as crianças e para algumas mães. Respostas em relação ao acesso às atividades, em relação às cestas básicas, vou esclarecendo dúvidas sobre as lições, leio e comento os que me mandaram fotos das atividades realizadas (às vezes a imagem é repetida, algumas famílias mandam a mesma foto pela plataforma Google Sala de Aula e pelo Whatsapp. Faço questão de responder nas duas ferramentas). Aproveito para lembrá-los do dia e horário do encontro virtual.

Aqueles que estão sumidos e que eu tenho o contato pelo Whats, vou com bastante jeitinho e cuidado, mando um “oi”, pergunto se está tudo bem em casa [...]. Sinto muitas saudades da escola real.

Na semana passada ao procurar uma família que não estava interagindo comigo, recebi a seguinte resposta:

– Ai professora, estamos todos com Covid aqui em casa: eu, meus filhos, minha tia, minha sobrinha... Estamos isolados e nos cuidando, eu tô em casa e minha tia e sobrinha foram para a UPA. Eu tô melhor que elas e decidi ficar em casa porque não tenho quem cuide das crianças. Desculpe professora, tá difícil demais fazer as lições.

Ouçó a história, ofereço apoio e digo logo que, em primeiro lugar deve estar a vida e a saúde de todos, que quando estiverem bem, a gente pensa nas lições das crianças... Desejo cuidado, a cura e melhoras a todos da família.

Fiquei pensando nessa família, nas crianças – casal de gêmeos – ambos meus alunos. Dois dias se passaram e eu decidi mandar uma mensagem perguntando como estavam, como passaram o final de semana. A mãe me respondeu com um áudio. Ela chorando contou que estava um pouquinho melhor. Antes de terminar de ouvir seu áudio, vejo que ela enviou também fotos e vídeos. Parei o áudio para ver as imagens. Era alguém desacordado numa maca, uma mulher sendo levada para dentro do carro do SAMU, recebendo massagem cardíaca. A equipe do SAMU tentava reanimá-la. Meu coração disparou! Era a sobrinha, que passou o final de semana sendo atendida na UPA em estado muito grave e que naquele momento estava tendo paradas cardíacas pela falta de ar. A mãe do meu casal de gêmeos, também com COVID, filmava e chorava ao mesmo tempo, estava com medo, apavorada. A equipe do SAMU conseguiu reanimar a moça e estava preparando sua transferência para um hospital com mais recursos. No áudio, ela me contou que filmou tudo para não esquecer, tinha medo de perdê-la. Nas imagens, também apareceu um médico, dizendo que a moça seria muito bem cuidada no outro hospital, que ela estava sendo transferida porque necessitava de mais cuidados e que isso ia dar certo... Palavras muito sensíveis. Ela chorando, filmou a equipe do SAMU partindo com a sua sobrinha.

Fiquei muito tocada com tudo isso, fiquei ali pensando e tentando imaginar o que ela sentia naquela hora em que filmava a cena que compartilhou comigo. Pensei que resposta eu poderia dar. Deixei o tempo passar um pouco antes de responder. (Narrativa compartilhada por VDC – Reunião pedagógica)

Querelas do entardecer

Há um sentimento que me invade em cada entardecer, repetido

Fim de mais um dia, alívio

De cansaço e dores, exaurido

De burocracias e resoluções sem sentido

De reflexões e debates, fortalecido

Os sentidos, desnorteados, somente dão conta de mergulhar em si, amortecido

Em busca de um refúgio que preserve os sonhos, protegido

Para que o desconhecido não os possa alcançar, inteiriço

Para que resista a esperança, colorido

E dias de ataques e retrocesso fiquem para trás, esquecido

Que sentimento é esse que não tem nome e nem lugar, escondido

Que só o tempo pode curar, sofrido

Que a escuridão da noite pode afastar, iludido

Mas que no amanhecer retornará, como um amigo

E permanecerá até o próximo entardecer, opressivo

*Então chega um novo dia e uma nova energia, invadido
E entre gritos e choros aguerridos
Seguimos de mãos dadas o caminho
Não sozinhos, ao menos, seja dito
Entre miudezas e forças, coletivo.* (Narrativa compartilhada por AA – Reunião pedagógica)

Estes trechos selecionados nos mostram o lugar ocupado pelas narrativas neste contexto em que era necessário encontrar e reformular recursos de/para sobrevivência, no amplo sentido do termo, situados no acolhimento, na polifonia, na vivência compartilhada. Trazidas para o coletivo, as narrativas propiciam a reelaboração da experiência vivida, que se torna acessível ao grupo e às próprias professoras autoras do registro. Coletiva e dialogicamente, a reconstrução e a compreensão do vivido ocorrem não como “a descoberta de um objeto mental inacessível anteriormente, mas a redescoberta – a re-criação – desse objeto psíquico em novo contexto [...] Compreender é pensar em um contexto novo” (CLOT, 2010, p. 148). Em termos do desenvolvimento do professor, podemos dizer que o compartilhamento das narrativas possibilita o deslocamento do vivido que “de objeto vivido outrora, ele é promovido à posição de meio para viver a situação presente ou futura” (CLOT, 2010, p. 222).

A atividade de escrita e o compartilhamento do texto pelas professoras, neste contexto, superam os sentidos expostos no início deste artigo – escrever para além de registrar, legitimar, sacramentar os processos de desenvolvimento das crianças. A escrita permite sobretudo elaborar e compartilhar as dores da existência, desenvolver-se e contribuir com o desenvolvimento do outro e da profissão. Desenvolvimento que se dá no âmbito individual, a partir da análise do próprio fazer, e também no âmbito coletivo, por mobilizar outros sujeitos, que compartilham a profissão (CLOT, 2006).

As situações apresentadas nos levam a reiterar a potência da escrita que se equilibra e permite a quem escreve se equilibrar na corda bamba entre as prescrições e as relações reais, compostas por histórias que se fazem na dureza das condições concretas de existência. Assim, a escrita de um educador sobre os malabarismos de sua profissão, que expõe e expressa a concretude de seu fazer, de seu ser integralmente envolvido na atividade que executa, é lugar fundamental para a constante reflexão sobre sua própria atividade e pode tornar-se corda e apoio para os equilibristas que virão depois dele, desempenhando a mesma atividade.

Referências

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

CLOT, Yves. *A função psicológica do trabalho*. Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

CLOT, Yves. *Trabalho e poder de agir*. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

FECCHI, Pollyanna Garcia Geraldo. *A atividade docente e a organização do trabalho pedagógico: entre as margens do prescrito e do realizado*. 2020. 173f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020. Disponível em: <https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&AuthType=ip,uid&db=cat09219a&AN=rpc.oai.1161210&lang=pt-br&site=eds-live&scope=site>. Acesso em: 5 mar. 2022.

PROENÇA, Heloísa Helena Dias Martins; SERODIO, Liana Arrais; PRADO, Guilherme do Val Toledo. As narrativas de professores e profissionais da educação: histórias únicas de sujeitos únicos contadas para sujeitos únicos. *Revista de Ciências da Educação*, Americana, p. 161-179, jul./dez. 2019.

ROGER, Jean-Luc. Metodologia e métodos de análise em clínica da atividade. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, v. 16, n. especial 1, p. 111-120, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. Manuscrito de 1929. *Educação e Sociedade*, Campinas, n. 71, p. 21-44, jul. 2000a.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. *Obras escogidas, vol. III: problemas del desarrollo de la psique*. 2. ed. Madrid: Visor, 2000b.

Sobre as autoras

Pollyanna Garcia Geraldo Fecchi é graduada em Pedagogia pela UNISAL – Americana, especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UNINTER, mestra e doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, onde participa do Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem (GPPL). É professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental e membro da REPEF (Rede de Educadores e Pesquisadores da Educação Freinet).
E-mail: pollyannafecchi@gmail.com.

Ana Lúcia Horta Nogueira. Pedagoga, Mestre e Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, com pós-doutorado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas e em Psicologia pela Clark University. Professora Livre Docente do Departamento de Psicologia Educacional e pesquisadora do Grupo de Pesquisa Pensamento e Linguagem, Faculdade de Educação da UNICAMP.
E-mail: alhnog@unicamp.br.